



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8661013

## Teoria crítica, formação cultural e educação: homenagem a Bruno Pucci

*Adilson Cristiano Habowski<sup>1</sup>**Elaine Conte<sup>2</sup>*

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da; GOMES, Luiz Roberto; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (org.). **Teoria crítica, formação cultural e educação: homenagem a Bruno Pucci**. Piracicaba: Editora Unimep, 2018. 396p.

A obra *Teoria Crítica, Formação Cultural e Educação: homenagem a Bruno Pucci*, organizado por Antonio A. S. Zuin; Belarmino C. G. da Costa; Luiz R. Gomes e Luiz A. C. N. Lastória, como o próprio título diz, tece uma homenagem ao trabalho vivo, potente e consolidado do pensador Bruno Pucci, professor da UFSCar, que pesquisa e inspira estudos no campo da Filosofia da Educação Brasileira sobre a Teoria Crítica e Educação. A obra é composta por depoimentos de orientandos e pesquisadores com reconhecido destaque no contexto das produções científicas do país e exterior. O livro inicia com o título “O mestre e suas veredas”, escrito pelos organizadores, seguido de um prefácio “Construindo a Filosofia da Educação no Brasil”, de Sílvio Gallo, reunindo vinte e seis (26) textos e uma breve biografia do homenageado.

A rigor, todas as pesquisas foram realizadas por interlocutores de Bruno Pucci que apresentam o pensamento e a práxis do seu engajamento com a crítica da sociedade em articulação com as experiências profissionais e partilhas sensíveis de orientação, em formato de artigos, a começar pelo

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Universidade La Salle - Canoas/RS. Mestre em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS. Possui o Ensino Médio na modalidade normal (Magistério), com habilitação para atuar como educador nas áreas de Educação Infantil e Séries Iniciais (2014); Graduação em Teologia pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2017); e Especialização em Docência no Ensino Superior: Práxis Educativa pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2019)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012). Professora da Universidade La Salle - UNILASALLE, Canoas, atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq), com financiamento do CNPq e do Programa Pesquisador Gaúcho, da FAPERGS.

artigo “A figura do mestre formador”, de Antônio A. S. Zuin. O autor ilustra, com o livro *Emílio ou da educação*, de Jean Jacques Rousseau, que pode ser considerado um tratado pedagógico ou um de romance de formação que revolucionou a Pedagogia humanista moderna, os vários Emílios do seu mestre formador Bruno Pucci reconhecendo a sua influência no processo formativo de milhares de estudantes e orientandos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. À vista disso, Zuin (2018) apresenta o conceito de formação com o objetivo de compreender a designação de mestre formador de Pucci, concluindo que suas ações confirmam sua opção epistemológica de desvelar a totalidade da experiência formativa e a historicidade imanente que remete à dimensão ética do outro e da vida, ou seja, revitalizadora da própria *Bildung*.

Em seguida, Luiz A. Calmon Nabuco Lastória apresenta “O (com)padre errante” como um projetar-se junto de Bruno Pucci desde que o conheceu durante a graduação e cuja orientação o iniciou nas leituras de Karl Marx. Lastória (2018) reconhece que já naquela época uma característica do exercício pedagógico de Pucci se destacava à sua trajetória intelectual que era de dispor circularmente o grupo e comandar reflexões estabelecidas coletivamente sobre um tema determinado, de modo a incentivar ao máximo a participação de todos os integrantes.

“Racionalidade Técnica e Estética na Construção da Notícia: perda da dimensão de Totalidade” foi o artigo escrito por Belarmino Cesar Guimarães da Costa, para expressar sua gratidão ao professor Bruno Pucci, parceria iniciada em 1980 com as pesquisas sobre indústria cultural e mediação tecnológica sobre as esferas da percepção e da inteligibilidade. Compreende que sua influência foi essencial para conhecer e investigar a primeira geração da Escola de Frankfurt e para pensar a educação como decorrente das múltiplas determinações históricas, econômicas, culturais, mas, de modo particular, os estudos midiáticos enquanto espaço para desvelamento o poder político das estruturas de comunicação reificantes e autoritárias. Costa (2018) afirma que a mediação no trabalho, a generosidade e a amizade de Pucci estão associadas à categoria de *práxis*, da

força transformadora, militância política, capacidade de agir colaborativamente, inquietação para interpretar e agir de forma coerente eticamente, pelo modo de raciocinar e apresentar as contradições são característicos da personalidade e do seu trabalho intelectual. Como forma de homenagear Pucci, Costa (2018) reelabora o primeiro capítulo da dissertação de Mestrado como um fragmento encapsulado no tempo, mas que no contexto contemporâneo tem sua relevância para compreender as mudanças estruturais no modo de organização do trabalho e da vida no mundo das redes de digitalização. Afirma que “na moderna sociedade industrial, a técnica diminui a tensão entre conteúdo e forma e tende a transformar a arte em representações reificadas, repressivas e sem ligação com o cotidiano do trabalho e do meio social onde foi produzida”. (COSTA, 2018, p. 54). Além disso, “a tecnificação da arte, a homogeneização dos padrões culturais, a produção seriada e sem conflitos mostram que a arte é extensão do processo de reificação do mundo do trabalho, de modo que até mesmo a estética se transformou em esteticismo”. (COSTA, 2018, p. 54). Destaca que a arte se curvou à técnica pelo consumo e aprisionamento de relações capitalistas da cultura digital, em que os algoritmos regulam e categorizam os gostos e comportamentos em que a conexão em rede é marcada pela barbárie e irracionalidade, sendo necessário retomar a categoria de formação cultural.

Por sua vez, Luiz Roberto Gomes apresenta o artigo “Bruno Pucci: um filósofo crítico da educação” afirmando que o conheceu o professor em um dos Congressos de Teoria Crítica na UNIMEP e que lhe impressionou pela profundidade e sentido filosófico dos debates, além de servir como inspiração para a definição de suas pesquisas na área de Filosofia da Educação. Além da amizade construída pelas significativas experiências (de sentido Benjaminiano), destaca a acolhida de Pucci aos interessados pela Filosofia, Teoria Crítica e Educação, além da defesa do sentido ético, político e filosófico-crítico da educação pela habilidosa apropriação das obras frankfurtianas. Demarca a trajetória de Pucci como um filósofo crítico da educação (distinto da *doxa*), cuja base epistemológica criteriosa,

convergente e conflitante, gira em torno da permanente busca da verdade dos fatos, normas e conceitos construídos historicamente que fornecem sentido para uma vida democrática e humana. Assim, toma a filosofia enquanto postura crítico-formativa educação que, nas palavras de Gomes (2018, p. 60), “tem sofrido forte ingerência do capital globalizado, que reduz a vivência educacional às demandas do mercado de trabalho”, do que a escola deve ou não ensinar, pois a educação, para resistir aos interesses privados camuflados de públicos. Reafirma que as reflexões de Pucci, pela ancoragem epistemológica da Teoria Crítica, são indispensáveis para todos que pensam e trabalham com os processos educacionais autônomos e autocríticos à experiência formativa.

Renato Franco, em seu artigo “Poesia e política; pedagogia e esperança: sobre a trajetória intelectual de Bruno Pucci” inicia parafraseando Roberto Schwartz, ao dizer que Bruno Pucci é um intelectual que norteou sua formação e atuação como um pesquisador contextualizado às necessidades de seu tempo, a partir da configuração contemporânea, sendo um modo de reinventar-se, de ativar a curiosidade e o empenho na tarefa de esclarecer o que ainda é obscuro ou indecifrado. A partir disso, Franco (2018) analisa alguns de seus ensaios recentes, inicialmente o ensaio intitulado “Anotações sobre teoria e práxis educativa”, por indicar os rumos teóricos de sua produção e atuação acadêmica na *era de sua maturidade*. Pucci manifesta grande interesse pelo destino da arte e da estética na contemporaneidade, apontando que a dialética negativa pode ajudar na autorreflexão educacional sobre a importância do pensar livremente com coragem e audácia.

Soma-se à homenagem, Luiz Hermenegildo Fabiano que apresenta a reflexão “O mestre, o discípulo, os discípulos”, afirmando que foi a convivência afetiva que permeou a relação humana pensante consolidada desde 1968. Bruno revelava-se mais humanista, comunitária (ao exercício do bem comum) e liberal da vivência religiosa (de ex-padre), no contexto social, político e dos costumes, propiciando mudanças também na ampliação dos horizontes juvenis da época. Foi nessa época que Bruno, já

num contexto acadêmico como professor e doutorando, instigou-me a dar início a um curso de mestrado. Reflexões teóricas intensas e revisão de mundo vingavam por salas, auditórios, cômodos e bares e nas fendas da alma que se abriam em abismos intermináveis de conceitos e busca de novos conhecimentos. *Lógica formal* versus lógica dialética, historicismo, materialismo histórico, materialismo dialético, etc., numa simbiose de autores e conceitos, digladiando-se com angústias e novas abordagens que diluíam crenças e distanciavam o universo dos primeiros anos de formação cristã. Nem sempre houve concordância ou consenso em tudo, mas a tensão afetiva dessa amizade sempre ampliou descobertas e aprendizagens mais profundas da humanidade de ambos.

Antônio Joaquim Severino escreve o texto “Bruno Pucci: a educação na luta contra a barbárie” afirmando o respeito e amizade construídos em espaços institucionais destinados ao cultivo e à busca de uma educação emancipatória que luta por uma causa comum. Em tais condições, o que unia os dois pensadores era o empenho e esforço de se clarear o próprio sentido e alcance do olhar filosófico na construção da área. Desde então, tivemos oportunidades de vários reencontros em eventos científicos da área, particularmente no âmbito do GT de Filosofia da Educação, da Anped e em reuniões diversas. A trajetória acadêmica de Bruno Pucci expressa pela sua produção teórica e por sua atuação prática no campo educacional está articulada a um projeto de vida dedicado à consolidação da própria área do conhecimento filosófico-educacional, resultante de um esforço coletivo e convergente dos que atuam com vistas à constituição desse campo. Destaca a exemplar liderança na coordenação do Grupo de Pesquisa sobre a Teoria Crítica, fundado em 1991, que vem realizando experiências no cultivo rigoroso e sistemático do pensar filosófico, explorando as ricas abordagens críticas da experiência educacional humana. O Grupo promoveu encontros nacionais e internacionais propondo que a escola (re)tome em suas mãos o processo de formação cultural (*die Bildung*), que favoreça o esclarecimento, a reflexão crítica e as formas de resistência ao império cada vez mais dominante das máquinas sobre as pessoas, pois o progresso tecnocientífico

caminha em sentido oposto ao progresso da humanidade do homem e fortalece um modo de ser acrítico, irreflexivo, não racional e não espiritual. A racionalidade que se apodera de nossos educadores e educandos, para modelá-los de acordo com os objetivos da nova ordem, realiza uma espécie de *darwinismo* social e tecnológico do capital: o cálculo, a funcionalidade, a eficiência, a precisão em detrimento da formação humana. Afinal de contas, quando eliminamos a cultura cultivamos só a barbárie. Desbarbarizar é a questão mais urgente da educação atual, contribuindo para a superação da violência que se volta contra o próprio homem.

Rita Amélia Teixeira Vilela apresenta o artigo “Fazer experiências, resistir ao estabelecido na e através da educação: possibilidades para a formação”. Seus argumentos reafirmam a Teoria Crítica de Theodor Adorno e a educação como campos férteis das pesquisas abertas e revigoradas por Bruno Pucci, sendo o pioneiro em debater a tese de Adorno sobre educação, guiando teorias pedagógicas, experiências reflexivas e práticas de interpretação estranheza, inquietações do real, pelo resgate da resistência do sujeito, mesmo em um mundo danificado. A orientação filosófica e sociológica de seu legado é fruto de um árduo trabalho de compreensão multidisciplinar, para deslindar os textos difíceis de Adorno, procurando coerências nas obras traduzidas para o inglês e espanhol, confrontando-as com as originais em alemão. Esse debate aprofunda a discussão da Dialética do Esclarecimento e da Dialética Negativa, da Teoria Estética, evidenciando aproximações com temas essenciais do campo educacional, como o exame das relações entre tecnologia, cultura e formação social do sujeito.

Os pesquisadores do grupo discutem o impacto das modernas tecnologias na produção cultural (literária, artística e científica) e de suas relações com a educação e a formação, sintetizados aqui em três eixos: 1) Fundamentos teórico-filosóficos na edificação da Teoria Crítica e a apropriação deste conhecimento para situar a filosofia da educação ou discutir os sentidos de uma filosofia crítica da educação. 2) A análise de situações da educação dentro da abrangência da ação da Teoria da Indústria Cultural, sua penetração e consequências, relativas à formação dos

educadores e experiências educacionais. 3) A defesa de uma educação para a emancipação, e discussão de sua viabilidade como um projeto necessário à educação. A autora diz que o legado de Bruno Pucci mostra as raízes humanas mais profundas no sentido da reflexão sobre o contexto histórico e formativo da educação para o trabalho científico e ao exercício da autonomia situada na vida social, trazendo à tona os desafios da globalização, que requerem o desenvolvimento (auto)crítico que permite a questionabilidade e o enfrentamento da ignorância e da subordinação técnica e economia à vida em sociedade.

Cláudio A. Dalbosco intitula seu texto “Formação humana: campo de força e autoformação”, para homenagear a inegável contribuição à educação brasileira de Bruno Pucci, e dialoga com alguns de seus ensaios críticos de Wolfgang Goethe e Theodor Adorno. Pucci não esconde a simpatia que nutre pelo conceito adorniano de *Bildung*, fato este referido nas itinerâncias do autor que percorre a *Teoria da Semiformação*, *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, chegando a observações da *Bildung* nos tempos atuais, tendo a formação humana como autoformação, como processo educativo e criativo, que visa o desenvolvimento de todas as dimensões humanas. O diálogo traz também a metáfora da formação como campo de força, ancorada na dialética materialista, que permite uma forma de metacrítica ao romper com os traços idealistas ainda presentes na noção goetheana de formação. Com tal metáfora, de acordo com Dalbosco, amplia-se o leque de possibilidades para investigar o campo educacional, cultural, formativo e humano, em sua complexidade, pois a força da *Bildung* põe em questão a redução da educação à formação profissional especializada, meramente tecnicista e regulada pelo capital.

Luzia Batista Oliveira Silva escreve o artigo intitulado “Estética e semiformação em Adorno: uma contribuição de Bruno Pucci para a educação”. A autora diz que Bruno Pucci tornou-se uma referência para todos os que compartilham dos problemas educacionais apontados na Teoria Crítica da Sociedade. Toda obra de Pucci contribui para o campo da Educação, da Filosofia e da Filosofia da Educação no Brasil, sendo também

um convite para refletirmos sobre a formação docente. O autor coloca em pauta o pensamento crítico acerca da ciência, da tecnologia e da sociedade para uma geração em mudança, que precisa aprender a resistir aos modismos do mercado e pensar sobre a formação e as controvérsias humanas em seu conjunto. Assim, Pucci buscou produzir teorias e práticas educativas para subsidiar a luta em prol de romper com modelos estagnados, asfixiantes, estereotipados e disfarçados de um senso crítico inexistente e que nos desumaniza e conduz à semiformação (*Halbbildung*) social, histórica, cultural e científica socializada. O campo da formação humana, bem como o da estética, sofre a influência das hiper mídias em novos engodos capitalistas, que conectam pessoas digitalmente, em tempos tecnológicos e mundos diferentes, mas que, ao mesmo tempo, reforçam avalanches de informações em próteses reflexivas, de uso alienado e dissociado da experiência estética formativa, de pensar o reconhecimento estético da formação com base em dúvidas no campo da educação, contribuindo para a semiformação.

Seguindo a tradição que remonta a Adorno e Horkheimer, Pucci e a autora denunciam a planificação técnica em favor de um modelo tecnocrático de adaptação à realidade, que converte a miséria no mundo em tempo livre com produtos culturais descartáveis. Destarte, a se. A fetichização da técnica gerou pessoas obedientes, tuteladas às suas instruções sobrepondo-se à construção de autonomia e emancipação. O que não pode ocorrer é abrimos mão da experiência estética, porque ela não exclui a contradição na criação e no movimento da questionabilidade originária da arte, por operar contra a lógica excludente da indústria cultural. Silva inclui a arte como condição de possibilidade às experiências formativas, aderindo a manifestação dos sentimentos e dos sofrimentos a que estamos expostos, evidenciando elementos da realidade escondidos, esquecidos ou indiferentes ao olhar dos especialistas no capitalismo que a tudo deforma. Se a experiência estética é abertura para mundos outros, supõe-se que é, também, abertura para aquilo que incita a curiosidade, a



admiração e o espanto, diante do diferente e do diverso, não excluindo as alteridades porque lida com as contradições e os inacabamentos humanos.

Ari Fernando Maia aborda o artigo “A formação (*Bildung*) em crise e a atualidade da educação estética: reflexões com Harmut Rosa, Guimarães Rosa e Adorno”, partindo de reflexões atuais sobre a temporalidade realizada por Harmut Rosa e pensando algumas consequências deste fenômeno na educação, com as reflexões feitas por Bruno Pucci (2010), apontando possibilidades de romper o encantamento da (hiper)aceleração. A análise da aceleração social permite uma interpretação crítica da crise da formação atual que se manifesta em vários âmbitos que vão desde a aceleração digital que radicaliza a alienação dos sujeitos pela supressão de discussões democráticas, impondo o sofrimento psíquico e a exclusão dos processos educativos por meras ações de adestramento.

Luciana Azevedo Rodrigues e Márcio Norberto Farias desenvolvem o artigo “O trabalho pedagógico de B. Pucci como espaço para o olhar tateante e a resistência à burrice”, para discutir a potencialidade formativa do trabalho pedagógico realizado pelo educador e filósofo brasileiro Bruno Pucci face aos avanços da fetichização, da precisão e dos desempenhos individuais nos processos de ensino e de aprendizagem, condições sociais promotoras daquilo que Adorno e Horkheimer (1985) denominaram como burrice. Essa fetichização se evidencia em condições objetivas que impelem as pessoas a organizarem suas vidas em torno do aumento dos índices de desempenho e produtividade, favoráveis à acumulação do capital, assim como se reverbera em imagens das mais diferentes realidades, postadas e intercambiadas pela rede de computadores portáteis, com apreço pelas imagens a ponto de revelar um descaso por seus conteúdos.

Tal compreensão circula e é valorizada na produção dos bens (dinheiro e poder na sociedade), mas dilacera a cooperação entre as pessoas, assim como o fortalecimento de vínculos e relacionamentos humanos. Pode-se dizer que há algo recorrente nos textos de Pucci, a saber, a ideia de que é na negação dialética da realidade opressiva, que se anuncia utopicamente outra realidade historicamente possível. Neste ponto, busca-se mostrar que a

negação dialética da realidade pedagógica opressiva presente no trabalho de Bruno Pucci adquire expressão de duas maneiras: na articulação entre estética e filosofia que brota do interior de seus estudos e na vinculação entre a perspectiva pedagógica e política. A burrice é compreendida como algo que se desdobra da falta do referido exercício crítico, pelo fechamento de alguém no próprio individualismo, produzido a partir de situações concretas que impediram os movimentos que as pessoas buscam para sair do individual em busca da emancipação que é sempre coletiva. A crítica adorniana que Pucci incorpora à compreensão corrente é de que o indivíduo acata as técnicas disponíveis (concorrencial e individualista) para fugir das resistências que o outro apresenta na inter-relação crítica.

Em outro artigo, Paula Ramos de Oliveira apresenta a “Infância como narração e experiência: entre as crianças e os adultos”, para relacionar o brincar de estudar Teoria Crítica na época da graduação e durante muitos anos, no grupo coordenado por Bruno Pucci. Destaca sua humildade, inteligência (presença marcante que a tudo investiga), seriedade, doçura, bondade como fundamental e decisivo na amplitude que tomou a Teoria Crítica no campo da Educação no país. A infância é pensada no texto não apenas como cronologia, mas como começo, condição, pergunta, mistério, enigma. Torna-se difícil, então, escutar e falar de forma profunda, crítica e autêntica se o pensamento e a sensibilidade encontram-se danificados pelas nossas possibilidades existenciais em um contexto dominado pela lógica da indústria cultural, da razão instrumental, da reificação de consciências, da regressão dos sentidos, da redução dos espaços formativos, enfim, da semiformação.

Há, portanto, uma espécie de mergulho na menoridade coletiva, em tempos que nos expropria de nossas próprias vozes. Tais questões são atendidas com Walter Benjamin, que olhou as crianças de perto (“A hora das crianças” era um programa que Benjamin dirigia às crianças, com duração de vinte a trinta minutos) e chegou a conversar com elas entre 1927 e 1932, registradas em “peças radiofônicas” (*Hörspiele*), resenhas, conferências, histórias infantis e literárias sobre brinquedos, terremoto,

enchente, desastre ferroviário, ciganos, bruxas, cães, teatro de marionetes, dialeto, comércio de rua, etc. Em 1933, Benjamin escreve “Experiência e pobreza” (1985), apontando a miséria a que toda humanidade estava submetida porque a experiência vinha sendo – e vem sendo cada vez mais – subtraída de nós, e, em 1936, redige “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolau Leskov”, onde discute que a arte de narrar está, como a experiência, em via de extinção. De lá para cá, sabemos todos, os sintomas e as mazelas das sociedades administradas se agudizaram, por isso o interesse nos registros de Benjamin dirigidos às crianças, para com as crianças aprender formas de resistência. Cada história produz uma infância e tem uma história cuja consequência é a criação de outras histórias.

No artigo “Teoria crítica e educação: Bruno Pucci, crítico da violência”, Alexandre Fernandes Vaz comenta sobre um artigo de Bruno Pucci - *É a educação ética uma forma de violência contra o educando?*, que permeia sua reflexão educacional e política. Bruno Pucci (2012) retoma argumentos de Marilena Chauí (2006) expostos em *Convite à Filosofia*, livro de iniciação ao conhecimento sistemático da disciplina que está longe de ser um mero manual pragmático, mas é um exercício filosófico. Uma das respostas que Pucci apresenta para resistir ao estado de coisas materializado no declínio da integridade do indivíduo está, portanto, na crítica à tecnologia. Esta crítica é uma tentativa de superar, sem rejeitar suas potencialidades, o uso ainda limitante e coisificado da tecnologia. Outra resposta oferecida à problemática é o investimento na experiência estética, tema que ele trata em vários ensaios. No que se refere à tecnologia, Pucci (2017) recorre em trabalho recente a Adorno (2009), para recolocar a questão não apenas da perda da autonomia pelos mecanismos de semiformação (na relação entre tecnologia e violência), mas a produção de sofrimento ininterrupto. Tal sofrimento se materializa em toda parte, mas Pucci (2017) o localiza no grave problema dos refugiados no mundo contemporâneo, situação que atualiza os movimentos genocidas e de dominação de povos contra povos. O sofrimento encontra lugar igualmente na asfixia que a educação pública (na interface entre adaptação e resistência)

tem sido destinada pelos esquemas de privatização que impõem a tecnocracia não apenas por suas máquinas, mas por sua mentalidade e *modus operandi*. O sofrimento institucionalizado inspira a retomada da questão, visto que o corpo que sofre é o mesmo que pode resistir.

Allan da Silva Coelho delinea o artigo “A Filosofia da Práxis como Pedagogia, elementos para pensar o ensino de Filosofia”, lançando o desafio de refletir sobre o trabalho de Bruno Pucci a partir de sua práxis, de intelectual engajado ou humanista decidido. Bruno expressa uma atitude gentil tanto nas relações pessoais como nas práticas acadêmicas, além de ter uma grande capacidade de agregar pessoas para o trabalho conjunto, coisa sempre rara no meio universitário. Essa aposta baseia-se na ideia de que a trajetória formativa e os seus primeiros trabalhos acadêmicos possuem convergência e comprometimento com as classes subalternas (e uma pedagogia popular de base), deslocando-se para a figura de acadêmico de pensamento crítico desta realidade histórica, como práxis primeira de luta pela libertação. Realiza um breve estudo da tese de doutorado de Bruno Pucci, entendendo-a como expressão de seu processo formativo, bem como das questões e elementos educativos que são significativos no contexto histórico à luz da filosofia da práxis, ou ainda, e de um argumento que permite pensar o ensino de Filosofia na perspectiva da práxis educacional. Tal experiência desenvolve uma pedagogia entendida como esforço para a emergência de uma visão de mundo coerente com um projeto conjunto de sociedade, no qual as pessoas aprendem a decidir juntas, através da mobilização e da ação solidária fazendo surgir novas organizações comunitárias. Uma pedagogia capaz de mudar a estrutura social e transformar as formas de ver o mundo constitui-se na tensão do próprio processo educativo, dando voz e vez às classes populares para criarem juntos.

Robson Loureiro escreve o artigo intitulado “Teoria crítica da educação no Brasil e experiência estética: Bruno Pucci e sua adorniana paixão pela literatura”. Loureiro (2018) reafirma que Bruno Pucci é um dos mais notáveis intelectuais e representantes da Teoria Crítica da Sociedade

no campo da educação brasileira. Destaca o vasto currículo (produções, participação em bancas de mestrado e doutorado, organização de eventos acadêmicos), além das funções na Direção e Coordenação de cursos de graduação e pós-graduação. Loureiro (2018) chama a atenção para a simplicidade de viver, gosto pelos diálogos e facilidade em agregar pessoas em seu entorno. Aponta que Pucci sempre esteve atento e sensível às causas nos processos de danificação dos sujeitos (as barbáries), desde preconceitos e discriminações de toda ordem, que invadem o dia a dia de todos, seguindo firme para contribuir para a experiência estético-formativa dos sujeitos no contexto contemporâneo. Loureiro (2018) aponta que as reflexões de Pucci podem ser um excelente referencial teórico para as pesquisas que buscam compreender os fenômenos sociais mundializados pela dinâmica do modo de produção capitalista e suporte para realizar uma interpretação crítica da realidade social brasileira. Loureiro (2018) ainda aponta que Pucci reconhece a ambiguidade do uso das novas tecnologias, de forma especial na educação a distância, de modo a questionar se seriam as tecnologias digitais capazes de atuar para benefícios formativos para a educação brasileira.

Angela Maria Pires Caniato apresenta o artigo “Dos impactos da violência nas subjetividades à possibilidade de resistência pelo pensar e amar”, como expressão de uma homenagem a Bruno Pucci, na tentativa de cooperar com o autor na denúncia dos dilemas da semiformação e na compreensão das situações que obstaculizam uma educação emancipatória, de resistência aos atos bárbaros. A discussão criadora trazida por algumas disfunções que envolvem a relação indivíduo/sociedade e que produz severas deformações nos vínculos interpessoais e nas identidades subjetivas é analisada por Pucci enquanto “potencial educativo do pensamento crítico [...], pois nos ensina a ler as entranhas de cada objeto analisado [...], dele se aproximar insistentemente, não se contentando na pura observação” (PUCCI, 2008). O desafio a ser enfrentado para ampliar a transparência na compreensão do viver humano hoje está na estética do reconhecimento, de uma alteridade destruída de uma multidão que vive perdida e solitária

(conformada e acomodada na semiformação), na sofreguidão do desassossego, sobrecarga de trabalho e sofrendo o desamparo na cultura do risco (possibilidades de amparo afetivo estão cortadas). A barbárie atravessa a cultura e retira as forças vitais dos sujeitos, impedindo que as trocas amorosas instaurem o equilíbrio psíquico interno. Sob a lógica da mercadoria apenas as leis do consumo arbitram sobre os indivíduos, anulando as diferenças e equalizando a todos, desaparecendo as identidades diferenciadas sob o sentimento de massa e o poder de repressão estatal destrói os vínculos entre pares que os aproximaria e diferenciaria.

Na identificação coletiva circulam sentimentos hostis de inveja e ciúme que desembocam na negação de si, pelo trânsito livre da indústria cultural e da mentira manifesta. Por sua vez, a escola é a caixa de ressonância do que ocorre na sociedade em seus efeitos nefastos. Como se sabe, a permanência na escola virou para os estudantes e professores um momento de grande enfado, estigmatização, preconceito, modismos, *bulling* e sofrimento, porque os educandos não conseguem ver sentido nos apelos do professor para outros valores e não mais identificam valor sociocultural e importância do processo de ensino em suas vidas. As patologias sociais e sinais traumáticos da cultura escolar desembocam em agressões físicas além dos riscos de suicídio, sentimento de inutilidade que também se apodera do professor que se recolhe por temer alguma agressão dos alunos. De fato, desapareceram da escola a alegria, as brincadeiras, o companheirismo, as duradouras relações de amizade os sadios desafios entre professor e estudante, ou seja, a escola não é mais um *locus* de reflexões críticas sobre a semiformação na cultura do vazio povoado pela violência generalizada e irrefletida.

Andreas Gruschka apresenta o artigo “Bruno Pucci: teórico crítico e mestre da amizade”, afirmando a necessidade de manter viva a relação da Teoria Crítica na forma clássica com questões da educação. Bruno Pucci, em seus eventos científicos, criou uma atmosfera de encontros fraternos, amistosos, intensos, proveitosos na alegria de estar junto (um mestre da amizade). Naturalmente, Bruno internalizou os ensinamentos da Teoria

Crítica clássica. No entanto, isto não o impediu de se distanciar de algumas opiniões de Adorno em relação às formas de vida, sobre a cultura popular, a sexualidade e o erotismo discutidas no seu texto “Mínima Moralia”, e nos quais o frankfurtiano mostrou pouca compreensão pela vida. Estou muito agradecido pelo interesse com o qual ele processou os meus trabalhos no Brasil. Raramente me senti tão entendido quanto da ocasião da introdução da edição brasileira do meu livro sobre a “Frieza Burguesa e Educação”, que Bruno escreveu para mim.

Em “Carta para o grande cacique da teoria crítica paulista”, Christoph Türcke afirma que embora tenha crescido em condições sociais e culturais diferentes de Bruno Pucci, ambos começaram os estudos como teólogos cristãos e se reconheceram na Teoria Crítica. Como se sabe, a Teoria Crítica se formou no exílio norte-americano. Nessa época, Marcuse e Adorno eram famosos. Depois disso, a Teoria Crítica não era mais considerada contemporânea, mas como algo excessivamente radical, um impasse teórico. Um *linguisticturn* devia fazê-la “anexável” ao discurso predominante das ciências sociais e da teoria da democracia chegando ao Brasil. Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamin foram lidos, através da visão de Habermas, de como eles seriam os precursores inadequados da sua teoria da comunicação. Somente nos anos 90 começou uma recepção profunda da Teoria Crítica com o entendimento de que existem possibilidades mais produtivas da sua continuação do que o *linguisticturn*, levando em consideração a catástrofe da formação neoliberal que se aproxima globalmente. Pucci é um grande agente do debate sobre a ambivalência da rede, mas também é um crítico da interconexão microeletrônica. Türcke (2018, p. 326) ressalta o grande mérito do professor Bruno pela perseverança e habilidades organizacionais das conferências internacionais sobre a Teoria Crítica com centenas de participantes, pois, “na Alemanha, só se pode sonhar a respeito de eventos desse porte”. Em relação à palavra rede, Türcke (2018, p. 326-327) remonta à mitologia com significado de aprisionamento: “Originalmente, a palavra *rede* é um sinônimo para privação de liberdade. A rede feita de fios tira o peixe do seu

elemento; a rede feita de lisonja e intrigas deixa o homem desequilibrado ou o derruba”. TÜRCKE (2018, p. 327) explica ainda que “representa salvação, quando salva a quem se afoga, ou resgata quando alguém cai. [...] quem caiu na rede pertence a uma força maior; então não anda mais com seus próprios pés”. Em outras palavras, estar interconectado é dispor de poder e contatos comparados a um nó, com possibilidades de desenvolvimento, seguidamente reservada à autoafirmação dos fortes e rápidos. No entanto, fazer parte da rede legitima uma existência desconfortável. “Pois a rede conecta cada nó com os outros, assim como os isola entre si. Onde a relação interpessoal não é mais íntima do que os nós da rede predominam a frieza, a venda da solidariedade e o amor ao próximo”. (TÜRCKE, 2018, p. 327).

Wolfgang Leo Maar dedica o artigo “A teoria da semiformação como teoria crítica da sociedade: aspectos” para o grande leque de temáticas que Pucci aprofundou, a semiformação (*Halbbildung*) é um dos destaques, apresentando os limites e possibilidades da educação. Maar (2018) afirma que com a totalização da sociedade neoliberal enquanto modo social assumido pelo capitalismo contemporâneo, a relevância e atualidade do pensamento social de Adorno é cada vez mais reconhecido. As reflexões de Adorno demonstram a potência na sua dimensão social, “de modo que os momentos formativos, moral, educacional, cultural, estético são apreendidos crescentemente com muita ênfase, com lentes focadas no processo de reprodução da sociedade em sua conformação social no capitalismo presente”. (MAAR, 2018, p. 330). Pucci entende que dois elementos constituem a ideia de formação: a autonomia do espírito e a adaptação ao contexto em que se vive. Assim, Maar (2018) afirma que ao descrever a formação nessa duplicidade, fica clara a tensão que o sujeito sofre ao estar inserido no contexto histórico e se integrando com o desenvolvimento humano, utilizando as tecnologias mais avançadas e, ao mesmo tempo, sendo um (auto)crítico deste contexto e das injustiças sociais. Adorno argumenta que o duplo caráter da formação nasce das contradições sociais que a própria formação quer resolver, mas que enquanto simples formação não possui um poder para tal. Para Pucci, a formação vincula-se ao plano



contraditório das forças sociais, de que a própria transformação examinada no contexto da formação seria uma consequência. Com efeito, a formação se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, fazendo com que a semiformação passe a ser a forma dominante da consciência atual.

José A. Zamora apresenta o artigo “Entre *cidadania* e *capital humano*: a dialética da modernidade educativa”, a partir do diagnóstico de que estamos assistindo a uma mercantilização das instituições, dos métodos e dos conteúdos educacionais, que só se tornou mais aguda em um capitalismo globalizado em crise. Este diagnóstico denuncia a subordinação quase completa da educação às demandas do sistema econômico, declaradas objetivas pelas elites sociais, econômicas e políticas. Desde o movimento pedagógico reformista dos anos 60/70 do século passado, o giro neoliberal das formações sociais capitalistas impôs uma agenda reducionista e unilateral que aniquila o conceito *emancipatório* que orienta a modernidade educativa. A promessa de uma distribuição justa das oportunidades de vida, por meio de esforços adequados de aprendizagem, para a distribuição meritocrática das posições sociais tornam possível a sua servidão e impedem sua autonomia real.

Grande parte da crítica atual é dirigida contra a subordinação da educação ao *capital humano*, isto é, contra a suposta perda de um equilíbrio que definiu o ideal pedagógico moderno a favor dos elementos que o constituem. Isso mostra que a mercantilização da educação não é um resultado exclusivo do giro neoliberal, mas também que a redução da educação a um instrumento de valorização do capital humano leva à perda progressiva do valor da educação e ao seu autocancelamento, sempre decidido pela dicotomia. Com o avanço da configuração capitalista das relações sociais e da produção, a educação tornou-se progressivamente a oferta de uma qualificação para o mercado de trabalho. Essa transformação da educação em formação para o exercício de uma profissão ou de um trabalho que remonta à era do imperialismo que caracteriza todo o século XX. A pedagogia está cada vez mais focalizada na otimização dos processos

de aprendizagem em relação à sua relevância para o trabalho economicamente rentabilizável.

“Bruno Pucci – velho companheiro de estrada – Os política e academicamente produtivos tempos de UFSCar”, de Valdemar Sguissardi, encerra a coletânea de artigos em homenagem a Bruno Pucci. A escrita parte da trajetória acadêmica com Bruno Pucci, seus anos de UFSCar, dada sua formação juvenil e início da maturidade, recomenda, como epígrafe, uma frase bíblica: *A árvore se conhece pelos seus frutos*. Quando a árvore é uma pessoa humana ou, no caso, um docente/pesquisador/orientador universitário, o termo fruto pode significar uma realidade múltipla, plural: aulas, pesquisa, orientação, livros, artigos, capítulos de livro, documentos acadêmicos e de política institucional, militância interna e externa, gosto estético, ética, diálogo com convergências e divergências, fiel aos princípios e finalidades da instituição universitária; empatia com seus estudantes e orientandos; parceria e luta com colegas e amigos em prol de causas justas e inarredáveis. Pode-se dizer que a obra e o autor sobrevivem aos tempos e se projetam para a eternidade quando aquela é fruto de autores que formulam as grandes questões de seu tempo, traduzem os medos, as angústias, os desejos de explicação do desconhecido e de superação da realidade vivida. A sobrevivência dos filósofos gregos, mesmo os pré-socráticos e sofistas, ou dos evangelhos e epístolas cristãs, do Corão, do Talmude, do Príncipe (de Maquiavel), do Contrato Social (de Rousseau), do Capital (de Marx), revelam obras que sobrevivem e não se autonomizam em relação a seu autor. E isto porque, como afirmava Roland Barthes, sua obra é daquelas que agem diretamente sobre o real, que visam traduzir, como os clássicos, os desejos de explicação para o desconhecido, de superação da realidade que se vive, preocupação e desejos de grupos e classes sociais.

A obra em homenagem a Bruno Pucci registra, por diferentes pensadores, o tom aberto e o interesse pela emancipação que regula a capacidade crítica de um grande professor que reinterpreta a formação cultural em busca de uma Teoria Crítica para modificá-la. Além disso, sua atuação pedagógico-científica inspira um profundo sentimento de

humanidade, valorização do outro e de autoria coletiva que promove o conhecimento reflexivo e o diálogo inspirador para a docência. A interpretação é filha de seu tempo e esta obra ultrapassa as posições aqui narradas porque tem um sentido humano e sempre ampliável de linguagem, que incentiva os seus leitores a continuar pensando e pesquisando a Teoria Crítica da sociedade.

*Submetido em: 25/08/2020*

*Aceito em: 14/01/2021*

*Publicado em: 02/02/2021*